

O Papel do Jornalismo Sindical para identificação do indivíduo através do retrato do grupo; da construção da consciência coletiva à formação de leitores¹

Adriana C.A.do AMARAL²

Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Eduardo Galeano, poeta e taxativamente, declarou que a utopia serve para que possamos caminhar. Nesses tempos onde a relação dialógica parece nos fazer voltar a um passado sombrio e quando a perda de direitos nos faz retroceder à era da exploração do homem pelo homem, conhecer o próprio lugar é fundamental, como cantou Belchior em seus versos tristes e tão reais da canção *Conheço o meu lugar*, este artigo versa sobre uma prática jornalística pouco reconhecida, consequência de suas próprias mazelas, mas que se destina e tem a oportunidade de dialogar com milhões de trabalhadores: o jornalismo sindical. Refletindo sobre a “palavramundo” de Paulo Freire, a célebre frase “Trabalhadores do Mundo Uni-vos”, de Marx e Engels, pontuado no conceito da precarização do trabalho abordado por Ricardo Antunes e nas reflexões de Ladislau Douwbor sobre o mundo laboral, não pretende encontrar respostas, mas instigar pensares sobre como chegamos onde estamos e como fazer do trabalhador, que somos todos nós, protagonistas de suas vidas. Reconhecer o papel do jornalismo sindical como ferramenta fundamental para ecoar o “lugar de fala” do trabalhador através da informação direcionada, que instigue a reflexão e a reverberação. Vivenciamos hoje a Revolução 4.0 que deveria nos proporcionar o direito ao ócio, fazendo a robotização um serviço à Pessoa Humana, mas ao contrário não apenas trabalha por nós como escreve e parece pensar como as pessoas humanas. “O principal motor das transformações é seguramente a revolução tecnológica que vivemos. Essa revolução atual não é mais de infra-estrutura, como a ferrovia ou o telégrafo, ou de máquinas, como o automóvel ou o torno, mas de sistemas de organização do conhecimento (Douwbor, 2001) e, nesse contexto, é preciso refletir e pensar ações comunicacionais que tragam de novo o humano em nós. Afinal, será que a sociedade líquida de Bauman teria mesmo anunciado a “A morte das principais utopias sociais”? Progresso e sociedade, homem e máquina são antagonistas que Adorno explicou precisarem um do outro. Nesse cenário, qual o papel da comunicação sindical para informar, conscientizar, reorganizar e levar o trabalhador brasileiro, em suas diferentes áreas de atuação, recuperar os direitos perdidos e avançar numa sociedade livre das mazelas impostas pela economia neoliberal? Sem respostas fáceis, este estudo reflete angústias e pretende, através da

¹ Trabalho apresentado no GT 2 Comunicação Popular e Alternativa, do PENSACOM BRASIL 2019 Comunicação Popular e Alternativa

² Mestranda em Comunicação da UMESSP – Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do Prof.Dr. Roberto Joaquim Oliveira. E-mail: adriaral@gazeta.ws Bolsista CNPq.

análise bibliográfica, a busca das lições aprendidas no passado, quem sabe nortear novos caminhos a serem seguidos. Busca compreender como a imprensa sindical pode ao mesmo tempo em que informa os trabalhadores somar na formação de leitores e como isso contribui para a minimização das perdas e precarização do trabalho no Brasil. Belchior morreu cantando ainda ser moço para tanta tristeza... Seguiremos?

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Sindicatos; Trabalho; Comunicação Sindical

Introdução

Além da análise bibliográfica, este estudo está pautado na experiência empírica resultante da prática do jornalismo e comunicação sindical voltada para trabalhadores inseridos na base da pirâmide social, na cidade de São Paulo. Neste contexto, em sua maioria mulheres, mulheres afrodescendentes, com baixa escolaridade, jovens e idosas, provedoras de seus lares. Pessoas cuja participação no mercado de trabalho pode ser uma questão de vida, ou de morte. Social e fisicamente falando.

Neste cenário, busca compreender como a comunicação, principalmente o “jornalzinho” do sindicato é, senão a única, a principal fonte de informação. Ao apoiar na leitura dos autores descritos, pretende refletir se e como a comunicação sindical contribui para a geração de informações e engajamento dos trabalhadores, sua família e comunidade.

Como viver sem trabalho?

A Reforma Trabalhista entrou em vigor em novembro de 2018 escancarando os caminhos rumo à economia neoliberal, idealizada durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso e colocada em prática pelo atual presidente Jair Bolsonaro. A perda de direitos trabalhistas após décadas de luta dos trabalhadores, no Brasil, efetivada pela CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas e reafirmada pela Constituição Cidadã de 1988, resultou da transição do governo popular ao governo de Michel Temer, após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Mas não parou por aí, muito pelo contrário seguindo com a Reforma Previdenciária e valorização do empreendedorismo individual.

Este artigo visa contribuir para a reflexão dos rumos que o “labor” e a representação trabalhista terão no Brasil do presente e futuro. Sobretudo, qual o papel

da comunicação sindical para garantir informação para que os trabalhadores possam resgatar o seu protagonismo e decidir sobre o próprio futuro. Até que ponto as mensagens são entendidas pelos leitores e têm o poder de mobilização para a negociação?

A dialética nos mostra que é preciso viver para aprender, dialogar para trocar e se posicionar para negociar. Freire nos ensinou que o entendimento da palavra escrita requer a leitura do mundo de cada leitor:

... não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou na linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p.9).

Giannotti adverte que nem sempre a palavra escrita tem o mesmo sentido daquela compreendida pelo leitor-trabalhador. É preciso entender o universo em que o trabalhador/leitor está inserido e o real significado da palavra para que a mensagem emitida tenha significado real.

É possível escrever sem ser simplório nem complicado demais? ...É preciso duvidar. Pesquisar. Duvidar se o que escrevemos é lido e... depois, compreendido pelo público que se pretende atingir. Logo após a dúvida, vê a pesquisa (Gianotti, 2004 p.51).

Pensar global e agir localmente

Recorremos ao conceito cunhado pelo sociólogo Ulrich Beck e que ganhou maior expressão nas áreas de administração e marketing para refletir sobre a emissão das mensagens ao trabalhador. Teria essa prática vinda abaixo a partir do fenômeno da globalização da comunicação? Como falar do aqui e agora quando o mundo todo invade o universo pessoal em mensagens que chegam às nossas mãos, via celular?

Castells (2018) nos lembra que “nossas sociedades se interconectaram globalmente e tornaram-se culturalmente inter-relacionadas!” O desafio do comunicador para engajar o seu público, focando-o ao seu micro universo se agigantou...

Considerando que não há percepção de história alheira à história que percebemos, do ponto de vista analítico, não existem movimentos sociais “bons” ou “maus, progressistas ou retrógrados. São eles reflexos do que somos, caminhos de nossa transformação... Este é o nosso mundo, isto somos nós, em nossa contraditória pluralidade, e é isto que temos de compreender, se for absolutamente necessário enfrentá-lo e superá-lo” (Castells, 2018, p.52)

Freire e Castels entendem que a experiência de um povo forma a sua identidade. Mas como a revolução midiática interfere na formação cultural e, conseqüentemente, no reconhecimento identitário? “A revolução atual não é mais de infraestruturas como ferrovia ou telégrafo, ou de máquinas como o automóvel e o torno, mas de sistemas de organização do conhecimento”. (Dowbor, 2002, p.4).

Concordamos com Dowbor que “a inserção desigual nos processos modernizados e globalizados de produção gerou o maior drama social que o planeta já enfrentou na sua história” (idem, p.5) e convidamos à reflexão: qual o impacto no trabalhador que não compreende as mensagens, o textos, a realidade em que vive? Além disso, como um trabalhador, que em grande parte é leitor funcional e está inserido num universo particular, culturalmente falando, digere tanta notícia?

É claro que o universo laboral é diverso, que a tecnologia ampliou possibilidades, facilitou atividades e criou novas opções de trabalho. Na outra ponta, contudo, algumas tarefas ainda dependem exclusivamente da força humana.

Mas não foi sempre assim, ao longo da história? É a dialógica da vida que também atinge o mundo laboral em significados e valores!

A sociedade atual vivencia processos de flexibilização e precarização do trabalho, a concentração de renda, o aumento do desemprego e da informalidade, numa difícil conta que não fecha e empobrece a população. A relação capital-trabalho extrapolou o sentido patrão-empregado. Como se comunicar com esse novo trabalhador?

Precariado, flexibilização e neoliberalismo

Ao dialogarmos com três autores brasileiros que estudam as dinâmicas atuais do trabalho, entendemos que o neoliberalismo avança na medida em que se desconstruem as relações de trabalho formais. Concordamos que “precariado é formado pelo setor da classe trabalhadora pressionada pelo aumento da exploração econômica e pela ameaça da exclusão social” (Braga, 2015, p.92). Ou seja, uma categoria de trabalhadores que

surgiu no Brasil, como explica Sadi Del Rosso, a partir da década de 1990 com a regularização do processo de flexibilização das relações trabalhistas.

O capital operou, portanto, o aprofundamento da separação entre a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades humanas e as necessidades de autorreprodução de si próprio. Quanto mais aumentam a competição e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas conseqüências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana, que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e o sistema produtor de mercadorias (Antunes, 2005, e-book, p.457).

Um movimento iniciado por economistas nos anos 1970 e tornou-se uma realidade global nos anos 2000, o neoliberalismo está alicerçado na flexibilização, que em tese estimularia a competitividade. Aprendemos com Standing que, por ausência do que ele chamou de “âncora de estabilidade”, milhões de trabalhadores formam, atualmente, formam um “precariado” global.

O precariado carece de identidade ocupacional, mesmo que alguns tenham qualificações vocacionais e mesmo que alguns tenham emprego com títulos extravagantes. Para alguns, há a liberdade em não ter nenhum compromisso moral ou comportamental que defina uma identidade ocupacional (Standing, 2019, p.31).

Informar, conscientizar, engajar, reagir para sobreviver é preciso...

Novas palavras foram acrescentadas ao mundo do trabalho no momento em que as novas realidades são vivenciadas antes de serem assimiladas em sua integridade. Remetendo à Gianotti, é preciso dialogar, compreender a realidade em que o trabalhador está inserido e como ele entende os processos para encontrar os caminhos para uma compreensão real da mensagem.

A imprensa tradicional, seja por questões editoriais ou interesses diversos, não garantem um espaço constante para as pautas trabalhistas. As notícias sobre o universo sindical são pautadas por demandas geralmente vinculadas à política e economia, com ênfase para as negociações de Convenções e Acordos Coletivos de Trabalho.

O desafio do jornalista sindical, num cenário onde as mudanças legais afetam milhões de profissionais, se agigantou para informar, explicar, atualizar e contextualizar as mudanças no universo do mundo do trabalho, focando uma categoria laboral. Sobretudo dissecando um universo nem tão fácil de entender, pois está imerso em interesses econômicos, políticos.

O sentimento é difuso, mas profundo. Várias gerações viveram com um sentimento de que basta ser sério, dedicado, ou até sacrificado, para que o sucesso seja alcançado. Ou seja, uma pessoa honesta e trabalhadora teria o seu lugar na sociedade. A erosão deste sonho gera um sentimento amplo de insegurança, e mais, de perda de referenciais. De certa forma, não é apenas o problema de ter ou não ter dinheiro para sobreviver, mas das próprias atividades terem ou não terem sentido. A crise é, neste sentido, de civilização. (Dowbor, 2001, p. 27).

Dowbor nos lembra que a “revolução tecnológica” gerou a desigualdade de condições na dinâmica labora, que beneficia as grandes potências e riquezas mundiais. “Os países em desenvolvimento recebem uma parcela muito pequena deste emprego, mas recebem toda a carga dos produtos que hoje circulam no mercado mundial” (idem, pg.14). O preço a ser pago é o aumento do desemprego muito amplo, retração salarial e legislações que penalizam o trabalhador.

Os momentos de crise econômica e social são propícios para iniciativas de flexibilização das relações trabalhistas, como analisou Rosso. Consequentemente, o fenômeno do neoliberalismo enfraquece, também, as instituições representativas?

Além disso, o universo onde o profissional de comunicação está inserido gera dificuldades na prática comunicacional. Araujo justifica que o jornalista sindical vivencia um confronto entre o ideal da profissão e a realidade sindical, o convívio com lideranças e posturas ideológicas, a falta de estrutura e até mesmo valorização profissional.

Privado da legitimidade que somente é conferida àqueles cujas práticas se inscrevem nos preceitos do modelo jornalístico dominante, o profissional das redações sindicais encontra-se diante de um “vazio”, isso, é, ausência de referências profissionais servindo-lhe de bases sobre a qual assentar seu modo de operar. Um corpo mínimo de princípios deontológicos e de normas técnicas, adaptado às condições específicas em que exerce a atividade jornalística, permitiria ao

jornalista sindical defender um tipo particular de prática jornalística, e construir, em consequência, uma legitimidade profissional. (Araújo, 2009, p. 182)

Refletindo com Momesso, concordamos que concorrer com a informação globalizada não é tarefa fácil, sobretudo pela falta de profissionalização e condições de trabalho do jornalista sindical. Como encontrar caminhos para uma comunicação assertiva, que valorize o profissional responsável pela comunicação com o trabalhador?

O grande desafio é como ter acesso e como manejar os meios de massa com participação, do ponto de vista da classe trabalhadora e do projeto societário do sindicalismo. As referências básicas para o sindicalismo estão sendo os modelos dos grandes veículos cuja estrutura só foi montada para servir aos objetivos do capitalismo em sua fase desenvolvida, monopolista, mas é, ela mesma, o próprio capitalismo. (Momesso, 2013, p. 164)

O homem como produto

Remetendo a Bauman refletimos que “a vida é uma incerteza constante” e na sociedade de consumo, onde o coletivo deu lugar ao individual, questionamos: como encontrar o equilíbrio. Quais os caminhos para a representação sindical?

Paradoxalmente, a “individualidade” se refere ao “espírito de grupo” e precisa ser imposta por um aglomerado. Ser um indivíduo significa ser igual a todos no grupo -na verdade, idêntico aos demais. Sob tais circunstâncias, quando a individualidade é um “imperativo universal” e a condição de todos, o único ato que o faria diferente e portanto genuinamente individual seria tentar -de modo desconcertante e surpreendente -n]ao se um indivíduo. “Ou seja, se você conseguir realizar esse feito; e se puder sujeitar-se às (altamente desagradáveis) consequências... (Bauman, 2007, p.26).

Identidade. Talvez o grande desafio da comunicação sindical esteja em conciliar o sentimento de pertencimento e não pertencimento dos indivíduos que forma o todo. “Busca sua identidade na não-pretensão; na liberdade de desafiar e menosprezar as fronteiras que tolhem os movimentos e escolhas das pessoas menores, inferiores – os locais” (idem, p. 152).

Como podemos trazer o debate, inclusive sobre a economia sustentável, para a comunicação global e ao mesmo tempo valorizar a comunicação sindical? Afinal, as mudanças no universo do trabalho atingem a todos. “O precariado não é vítima, vilão ou herói – é apenas um monte de gente como nós.” (Standing, 2019, p.271)

Estaremos vivemos a “incerteza constante” que profetizou Bauman, quando o passado vivido não mais nos aponta caminhos seguros? Teremos de aprender a vislumbrar o futuro para nos adaptarmos a um presente que nos atropela em transformações?

A modernização cria ou extingue empregos? O desemprego afasta o trabalhador do sindicato? A flexibilização nas relações de trabalho reduz a representação? A informalidade isola o cidadão? Como o jornalismo, sindical ou não, pode fomentar o debate e conscientizar sobre a temática do trabalho?

Dowbor sugere a centralização do debate estimulando “nas dimensões materiais do trabalho, que apresentam realmente aspectos dramáticos, mas insuficientemente sobre as dimensões psicológicas, sobre como as pessoas se sentem no trabalho, ou fora dele, no clima geral de insegurança criado” (idem p.26). Também, o chamamento à participação:

As pessoas podem participar ativamente quando se trata de projetos da sua região, referentes à realidade que conhecem. E uma comunidade que participa da gestão de uma escola, por exemplo, está muito interessada em assegurar a boa qualidade do ensino para os seus filhos. De certa forma, capitaliza-se o interesse das comunidades com a qualidade da sua própria vida, como instrumento racionalizador da gestão. O terceiro pilar deste novo paradigma da gestão está na informação. Não há participação adequada com uma comunidade desinformada. (Dowbor, pg 52 ou 43).

Adorno nos alerta, entretanto, para as diferentes verdades e para a essencialidade da liberdade. “Uma pessoa pode ouvir frases que são em si mesmas verdadeiras, mas só perceberá sua verdade na medida em que está pensando e continua a pensar, ao ouvi-las” (Adorno, 1947, p.115). A construção da verdade, então, está condicionada à liberdade de oportunidades. Inclusive de informação.

...toda maquinaria sofisticada da moderna sociedade industrial é a pura natureza se dilacerando. Não há mais nenhum meio capaz de exprimir essa contradição. Ela se realiza com a seriedade obstinada do mundo do qual desapareceram a arte, o pensamento, a negatividade. Os

homens tornaram-se tão radicalmente alienados uns dos outros, e a natureza que é a única coisa que ainda sabem é: para que precisam uns dos outros e o que se infligem mutuamente... (Adorno, 1947, p. 1180-1190)

A utopia do trabalhador

Num mundo sem trabalho como ficam as utopias? Aprendemos ao longo da história que o homem ampliou a sua capacidade intelectual na medida em que encontrou ferramentas que o auxiliavam na sua lida pela sobrevivência. A convivência em grupo, por outro lado, ficou comprometida ao longo dos tempos.

É preciso que se diga de forma clara, flexibilização, terceirização, desregulamentação, bem como todo esse receituário que se esparrama pelo “mundo empresarial”, são expressões de uma lógica societal onde o capital vale a força humana de trabalho só conta enquanto parcela imprescindível para a reprodução desse mesmo capital. Isso porque o capital é incapaz de realizar sua autovalorização sem utilizar-se do recurso humano, Pode diminuir o trabalho vivo, mas não eliminá-lo, Pode precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não pode extinguí-lo, (Antunes, 1947, 2015, p. 226)

Entendemos, com Bauman, que a tecnologia ao mesmo tempo que trouxe facilidades que permitem o isolamento também são fruto do trabalho de outros homens. Os caçadores do passado tornaram-se indivíduos solitários que desfrutaram de mercadorias que propiciaram “o gozo individual e solitário, mesmo quando apreciado e conjunto (Bauman, 2007,p.196).

Com ele perguntamos: como traçar as novas utopias?

Não admira que a utopia, pública ou social, é que tenha sido a primeira baixa da dramática transformação pela qual tem passado a esfera pública em nossos dias. Como tudo mais que um dia já esteve seguro nessa esfera, a utopia tonrou-se o jogo e a presa dos que montam as armadilhas e dos caçadores solitários... O pensamento aberto aponta para além de si mesmo, (Bauman, 2007, p.196).

Considerações Finais

Conhecer o próprio lugar: de fala, participação, representação não é uma tarefa simples numa sociedade que estimula a livre iniciativa, como a neoliberal, e que prega o cada um por si. Hoje em dia, dá mais status ser empreendedor. Além disso, a imagem do trabalhador ainda está associada ao chão de fábrica ou profissões menos reconhecidas na pirâmide social. Isso, sem entrarmos no debate do preconceito estereotipado contra os sindicatos.

Ressaltamos que a sociedade é construída pelo todo e os reflexos podem ser positivos ou negativos. Principalmente nas sociedades democráticas. A participação do indivíduo é pessoal e a coletiva e acontece de forma dialógica, aos avanços e retrocessos. Temos de aprender para aprender. E repetindo Paulo Freire, o saber é construído em comunhão.

Nesse cenário, a comunicação midiática ou sindical concorre com a realidade que se altera muito rapidamente. Como veicular uma informação que conscientize e engaje?

Acreditamos que a leitura das notícias veiculadas nos jornais sindicais é um caminho. Os textos, além de serem adequados aos perfis distintos devem estimular a curiosidade e a troca de informações, fomentando debates.

É claro que os jornalistas sindicais não são isentos, pois atuam em entidades que representam uma categoria, por força de lei e direito. Muitos deles, inclusive, buscam, profissionalmente, justamente essa flexibilidade que os sindicatos proporcionam e que geralmente garante maior liberdade de pautas e autonomia nos argumentos.

Cientes das relações de poder que permeiam a atividade dos jornalistas sindicais, por outro lado, não podemos deixar de mencionar que eles mesmos vivenciam a falta de representação, pois é clara a resistência que a própria categoria enfrenta em sua organização classista. Sobretudo a partir de janeiro de 2019 (MP 905/2019) quando uma Medida Provisória do Governo Federal extinguiu o registro do diploma de jornalista e a profissão corre o risco de continuar a existir, formalmente.

A questão a ser fundamental a debatida, tarefa complexa que apenas começa aqui e lançamos para novos debates, é como promover, reconhecer, valorizar um trabalho que também vivencia condições precárias e está envolto á flexibilização, precarização, terceirização.

O jornalista, assim como todas as demais categorias laborais precisam entender a nova realidade laboral, não apenas no Brasil, mas no mundo. Para isso, compreender melhor os próprios interesses como classe e buscar alternativas de sobrevivência, luta e reconhecimento. Interna e externamente.

Esta autora acredita que os jornais sindicais -e demais ferramentas comunicacionais- são imprescindíveis em momentos onde as dinâmicas são alteradas muito rapidamente, repercutindo no convívio, manutenção, preservação e evolução social do trabalhador e comunidade.

A luta pelos direitos sociais dos indivíduos e por uma sociedade marcada por justiça social não é a totalidade da luta, não desqualifica nem diminui a importância da luta de outros direitos, mas é a luta pela possibilidade de que os direitos humanos sejam realmente universais, par todos os seres humanos. Mesmo os excluídos do mercado. (Sung, 2018, p.118).

Se a utopia, como disse Eduardo Galeano serve para que possamos caminhar, o jornalismo sindical pode ocupar um papel de protagonismo ao, além de informar, inspirar. Isso vale para o trabalhador na ativa, inativo, desempregado, informal, futuro trabalhador, microempreendedor, empresariado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W & HORKHEIMER,MAX. Diálética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos, 1947

https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf

ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015)

ARAÚJO, Vladimi Caleffi. O Jornalismo de Informação Sindical. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009;

BAUMAN, Zygmund. Vida Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007;

BRAGA, Ruy. A Pulsão Plebeia. São Paulo, editora, 2015;

CASTELLS, Manuel. Poder da Identidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008

DOUWBOR, Ladislau. O que acontece com o trabalho. São Paulo: Senac, 2001);

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortês Editora 1989;

GIANNOTTI, Vito. Muralhas da Linguagem. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

ROSSO, Sadi Dal. O Ardil da Flexibilidade – Os Trabalhadores e a Teoria do Valor. São Paulo:Boitempo, 2017;

STANDING, Guy. O Precariado – A nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019;

SUNG, Jung Mo. Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos- uma critica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus. 2018.

Anexos

Conheço o Meu Lugar (Belchior)

O que é que pode fazer o homem comum
Neste presente instante senão sangrar?
Tentar inaugurar
A vida comovida
Inteiramente livre e triunfante?

O que é que eu posso fazer
Com a minha juventude
Quando a máxima saúde hoje
É pretender usar a voz?

O que é que eu posso fazer
Um simples cantador das coisas do porão?
Deus fez os cães da rua pra morder vocês
Que sob a luz da lua
Os tratam como gente - é claro! - aos pontapés

Era uma vez um homem e o seu tempo

Botas de sangue nas roupas de Lorca
Olho de frente a cara do presente e sei
Que vou ouvir a mesma história porca
Não há motivo para festa: Ora esta!
Eu não sei rir à toa!

Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa
Esta é minha canoa: Eu nela embarco
Eu sou pessoa!
A palavra pessoa hoje não soa bem
Pouco me importa!

Não! Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!

Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!